



# O GRAU DE VALIDADE ATUAL DA BATALHA DECISIVA

**Mario Ubirajara Hofke**

*Capitão de Corveta, serve atualmente no Comando da Esquadra.*

## Introdução

**A** evolução do mundo de hoje, freqüentemente, nos leva a relegar as teorias do passado, considerando-as confinadas ao tempo e aos quadros político-estratégicos e tecnológicos para os quais foram enunciadas. Uma proscrição pura e simples dessas teorias, sem uma análise cuidadosa, é uma temeridade e demonstra pouca inteligência, aliás muito bem realçada nas palavras de Clemenceau: "Aqueles que ignoram as lições da história estão destinados a repetir seus erros".

Seguindo esse princípio, iniciaremos o trabalho abordando a origem e a essência da concepção estratégica da Batalha Decisiva, basicamente sob o ponto de vista naval; a seguir analisaremos a influência do progresso tecnológico nessa estratégia, bem como procuraremos caracterizar o quadro político estratégico do mundo atual. Finalmente, concluiremos com a análise da validade da Batalha Decisiva nos dias de hoje, face aos fatores acima abordados.

## Concepção Estratégica da Batalha Decisiva

Foi Carl Von Clausewitz quem primeiro estruturou a concepção estratégica da Batalha Decisiva, quando afirmava que a submissão do inimigo à nossa vontade deveria ser conseguida pelo seu desarmamento, através de uma batalha decisiva, a ação mais específica da guerra.

Alfred T. Mahan (1840-1914), oficial da Marinha Americana, posterior a Clausewitz, tirou suas idéias da observação da História, principalmente no estudo da grande potência marítima de sua época, a Grã-Bretanha. Autor da obra "The

Influence of Sea Power upon History", Mahan preconizava a indivisibilidade do mar e, como conseqüência, o seu domínio por um poder naval superior, capaz de controlar as comunicações marítimas de todo o mundo. Esse domínio devia ser obtido, infligindo-se uma derrota ao inimigo, por meio de uma esquadra superior, numa batalha decisiva. Era a tese do emprego positivo e ofensivo da esquadra, baseada na superioridade de navios capitais, no sentido de ganhar o controle do mar. Mahan também admitia que idêntico resultado poderia ser obtido pelo bloqueio, embora essa alternativa acarretasse um esforço mais intenso e prolongado que o exigido pela batalha decisiva.

Foi na história que Mahan encontrou subsídios para sua concepção estratégica; as três guerras anglo-holandesas do século XVII e as sete guerras franco-inglesas ocorridas entre 1692 e 1815 propiciaram as bases do desenvolvimento da concepção da Batalha Decisiva. O sucesso da Esquadra Britânica nos mares, onde Nelson despontava como o seu grande Almirante, era o responsável pelo dogma da época que considerava a Batalha Decisiva como a maneira correta e única do emprego do Poder Naval."

Esta concepção continuou orientando o desenvolvimento das marinhas das principais potências, no final do século passado, a despeito das inovações trazidas pela Guerra de Secessão Americana e pelo aparecimento de novas concepções estratégicas.

A guerra Russo-Japonesa de 1904-05 consagrou essa estratégia adotada pelas grandes potências, pois a vitória esmagadora da Marinha Nipônica na Batalha de Tsushima colocou em descrédito os defensores daquelas novas estratégias, principalmente os de "Jeune École", que imaginavam outro tipo de unidades para as esquadras da época.

A seguir é deflagrada a Primeira Guerra Mundial sob a expectativa de grandes batalhas navais, entre gigantescos encouraçados alemães e ingleses, que acabaram por não haver. A única grande batalha veio a ocorrer após dois anos de guerra e mesmo assim não teve o caráter de decisiva, a Batalha da Jutlândia.

Apesar desse fato, a concepção da Batalha Decisiva não foi abandonada e, muito pelo contrário, continuou a motivar os grandes chefes navais, contribuindo para isso as opiniões emitidas pelos próprios almirantes que se defrontaram na Jutlândia. Jellicoe, em sua análise de 1919, afirmou que o método mais rápido e eficaz de se chegar às finalidades da Marinha Britânica era através da destruição das forças navais inimigas e, segundo suas palavras, "tal deve ser, portanto, o primeiro objetivo de nossa esquadra; ela existe para alcançar a vitória". Já Sheer, seu adversário, na introdução de suas memórias, assim se expressou: "É um princípio aceito, uma lição da história, que a luta no mar visa alcançar o seu domínio, ou seja, suprimir o obstáculo que é a frota inimiga. A sua derrota permite, desde logo, o exercício desse domínio".

No período entre as duas grandes guerras, a concepção da Batalha Decisiva perdurava, exceto para a Marinha Alemã, como corolário natural do emprego de força no mar, situação essa bem refletida nos Tratados Navais de Washington (1922)

e Londres (1930) entre Grã-Bretanha, Estados Unidos e Japão. Aliás, essa concepção orientou o Almirante Yamamoto na composição e emprego de sua marinha, resultando daí as operações contra Pearl Harbor e a Batalha de Midway voltadas para a destruição do Poder Naval Americano. Essas ações, no entanto, não conseguiram atingir o caráter decisivo pretendido e, a partir de Midway, a Marinha Japonesa alterou sua estratégia e desde então o mundo não mais presenciou outra tentativa do emprego do Poder Naval baseado nesta concepção.

Resumindo, a teoria estratégica da Batalha Decisiva, enunciada por Mahan, era calcada em três pontos fundamentais. Primeiro, o controle das comunicações marítimas, considerado vital para as potências dominantes da época quando vigorava o sistema mercantilista e colonial. Segundo, a preponderância absoluta de navios capitais, base das esquadras que pretendiam se envolver numa batalha decisiva. Por último, a indivisibilidade do domínio do mar, fundamento básico de sua concepção estratégica.

### Influência da Evolução Tecnológica

Alguns pensadores como Fuller, Rougeron e Toynbee admitiram que a evolução da Estratégia depende do desenvolvimento da Tática. Isto porque, a criação de novos meios pode causar alterações na tática a ponto de exigir modificações de ordem estratégica. Contudo, a história nos demonstra que a aparição de novas armas, como por exemplo o fuzil automático, a metralhadora, o tanque, o torpedo, o submarino, o avião e, por fim, as armas nucleares, provocaram tanto alterações estratégicas quanto táticas, dependendo de suas características mais preponderantes. Na realidade, é a tecnologia um fator fundamental, ora limitando ora possibilitando novas dimensões à estratégia e à tática.

É altamente improvável que o Almirante Mahan, em 1914, tivesse a idéia dos avanços tecnológicos que se seguiriam após a formulação de seus conceitos até os dias de hoje. Assim, o advento de novos meios de guerra acabaram por comprometer algumas de suas assertivas e o desenvolvimento das guerras de minas, submarina e aérea prejudicou a característica de indivisibilidade que o mar encerrava, dando origem hoje à expressão de "controle de área marítima" em substituição à de "domínio do mar".

Outro fato importante foi a crescente interdependência dos Poderes Naval, Terrestre e Aéreo. Inicialmente, com o aumento do alcance dos canhões, a seguir com o advento do avião e, por fim, com o desenvolvimento dos mísseis, houve um aumento progressivo da área de superposição de ação direta dos componentes desses poderes, tendendo hoje a atingir todo o globo.

Se por um lado a evolução tecnológica projetou os Poderes Terrestre e Aéreo sobre os mares, por outro, graças à mesma evolução, o Poder Naval alcança cada vez mais o interior das massas continentais, através, principalmente, do emprego do NAe e dos mísseis estratégicos.

Assim, as guerras de hoje requerem uma ação integrada dos três Poderes, conceito muito bem expresso nas palavras do General Eisenhower: "As guerras terrestre, naval e aérea independentes desapareceram para sempre. Se algum dia nos virmos novamente envolvidos numa guerra, combateremos com todos os elementos, com todas as Forças Armadas, num esforço único e concentrado".

## Situação do Mundo Atual

Após a Segunda Guerra Mundial, desenvolveu-se um processo político-militar nas nações, que levou o mundo de hoje a um quadro caracterizado pela bipolarização do poder. De fato, os EEUU e a URSS dividem o mundo de hoje sob a sombra de um poder nuclear capaz de destruir a humanidade. Mas embora o elevado nível de ameaça desencoraje a possibilidade de conflitos generalizados, faculta, por outro lado, a ocorrência de guerras limitadas entre as nações, por vezes sem a intervenção direta daquelas superpotências.

Oportuno se faz agora a conceituação do que entendemos por guerra limitada. Seria uma guerra onde somente parte do poder é aplicado? A resposta é afirmativa e essas limitações viriam expressas nos objetivos de guerra a serem atingidos, nas técnicas aplicadas, nos efetivos e tipos de forças empregados, no armamento utilizado e na área geográfica do conflito abrangida. Os analistas modernos têm ressaltado que a guerra limitada é um meio de empregar a força cuidadosa e conscientemente controlada, nas relações internacionais. Ou seja, na doutrina atual, força e diplomacia são interdependentes. O sucesso no campo da batalha pode tornar rendosa a diplomacia; esta pode dissimular aplicações de força de pequeno vulto e legitimar posições estabelecidas por meios militares.

Assim, a concepção de Liddell Hart, de estratégia direta por aproximação indireta, configura-se como a mais utilizada nas situações de guerra havidas nos últimos anos, excetuando-se as guerras da Coreia e Vietname por suas características especiais. Este tipo de estratégia permite uma guerra curta no tempo e restrita na área, mas de grande poder de barganha, e de conclusão final normalmente política através de organismos internacionais, após o "fait accompli".

Mas a bipolarização do mundo, genericamente entendida como Ocidente contra Oriente, provocou um desenvolvimento por parte das nações democráticas de novas estratégias procurando barrar a expansão soviética. Daí, tivemos inicialmente a Estratégia de Contenção Periférica, moldada no emprego do armamento convencional, seguida da Retaliação Maciça, com o advento do armamento nuclear. Posteriormente, entramos na fase da Estratégia da Deterrência que visava conter a guerra pela própria ameaça de destruição provocada pela guerra. Desta, evoluímos para a Estratégia da Escalada, seguida depois pela da Resposta Flexível e hoje vivemos dentro do clima da Estratégia da Dissuasão ou "Détente", onde cada oponente procura convencer o outro de que a agressão armada é a menos atraente e lucrativa das alternativas disponíveis.

Após esse rápido alinhamento das concepções estratégicas atuais, cuja evolução foi moldada numa corrida armamentista sem precedentes, impõe-se uma pergunta: seria válido, para as nações em desenvolvimento, a aplicação de alguma dessas concepções?

A resposta é logicamente não, pois essas concepções foram desenvolvidas especialmente para tentar solucionar crises entre as duas superpotências. Claro está que esse problema se refletirá sobre as nações aliadas a cada bloco mas suas participações, no conflito entre aquelas superpotências, fatalmente serão de valor simbólico. Essas nações em desenvolvimento não podem esquecer e precisam se preparar para crises entre elas, que poderão advir, tendo como conseqüência guerras regionais com uso somente de armamento convencional e, às vezes, sem a intervenção das superpotências.

E na verdade, no mundo de hoje, o que mais se evidencia é a proliferação dessas pequenas crises, onde o Poder Militar é empregado em guerras curtas seguidas de longos períodos de negociações diplomáticas. Já as superpotências, dentro da "Détente", que poderíamos encarar não como uma estratégia de guerra mas uma estratégia de paz, vêm procurando evitar o confronto.

### Conclusão

Passaremos agora à análise daqueles pontos fundamentais da Teoria de Mahan para a Batalha Decisiva, anteriormente ressaltados, à vista da evolução tecnológica e do quadro do mundo atual já enfocados, sob a ótica de uma nação em desenvolvimento, abandonando a possibilidade de guerra total e nos fixando na hipótese de uma guerra limitada de curta duração.

Em primeiro lugar, *as comunicações marítimas* não têm hoje a importância da época de Mahan. Não que o tráfego marítimo deixe de ser essencial, mas sim devido a que, numa guerra rápida, ele só será objetivo estratégico prioritário em condições de local e situação que permitam a imposição de perdas ponderáveis num prazo curto, sem risco para o tráfego internacional. Cremos hoje pois, num domínio do mar seletivo, variando sua intensidade numa mesma área, de acordo com as peculiaridades da guerra e os propósitos estratégicos em jogo.

Quanto à *preponderância dos grandes navios*, a evolução tecnológica vem revolucionando este conceito, como podemos depreender do que se segue.

Castex admitia duas fases para a estratégia naval: uma de desenvolvimento do poder naval e a outra de emprego desse poder. A primeira, preponderante em tempo de paz, procura definir os objetivos, os meios e as maneiras de empregar o Poder. Nesta fase, vemos hoje, nas nações em desenvolvimento, uma maior preocupação de compor suas esquadras mais baseadas na concepção da "Jeune École", da "Guerra de Corso", do "Desgaste" do que na da "Batalha Decisiva". Não restam dúvidas que essa preferência se dá não só pelo fato das grandes unidades navais serem de custo proibitivo mas, também, porque a evolução do armamento, principalmente dos mísseis, permitiu que a "poeira naval" ganhasse um poder combatente apreciável. Por sua vez, o submarino, inexistente na época em que Mahan definiu seus conceitos, tornou-se uma arma importante neste contexto.

Assim, enquanto hoje o navio-aeródromo propicia certo grau de domínio do mar numa área, o submarino tem seu emprego básico na negação do uso desse mar. Por sua vez, são os meios anfíbios que permitem que se use o mar como via de projeção do poder, possibilitando a ocupação de pequenas áreas e a destruição de objetivos importantes do inimigo, criando a política, já abordada, do "fait accompli". No entanto, para que essa projeção de poder se realize é necessário um mínimo de domínio do mar na área de operações, a ser conseguido por uma Força nucleada por NAe ou mesmo, possivelmente, por uma Força de fragatas, contratorpedeiros e submarinos, auxiliada pela aviação baseada em terra.

Enfim, o navio capital não tem hoje o mesmo conceito do passado e sua caracterização dependerá do papel por ele desempenhado na consecução da estratégia concebida.

Finalmente, a *indivisibilidade do domínio do mar*, pregada por Mahan, foi tremendamente comprometida com a evolução do mundo contemporâneo. A aviação, tanto naval quanto a baseada em terra, as minas, os mísseis, os submarinos e a grande mobilidade das Forças Navais abalaram a convicção de que o controle do mar pertence a um dos lados antagônicos. Esse conceito, aliás, já vinha sendo deteriorado desde as Guerras Mundiais, e hoje em dia o máximo que se pode pretender é o controle de áreas marítimas relevantes e mesmo assim por um determinado tempo.

Destarte, a Batalha Decisiva não oferece hoje o mesmo estímulo que no passado, no preparo das grandes marinhas. A reformulação do conceito de Domínio do Mar, a descaracterização de indivisibilidade do mar e a crescente integração do Poder Naval com o Terrestre e o Aéreo fazem com que a Batalha Decisiva não seja mais a meta básica do emprego do Poder Naval mas tão somente uma das maneiras de dinamizar uma Estratégia Naval, aproveitando uma determinada situação.

Muito embora tenha sido estruturada por Clausewitz para aplicação no campo terrestre, defendida por Mahan, no campo marítimo, a Batalha Decisiva talvez tenha hoje, no mar uma maior oportunidade do que em terra ou no ar para conseguir seu intento. A reconstituição de uma esquadra, face à grande sofisticação das unidades, é uma obra difícil, lenta e principalmente proibitiva economicamente.

Assim, concluímos que a Batalha Decisiva ainda é uma concepção estratégica válida na atualidade para uma determinada situação, principalmente pela perspectiva do rompimento do equilíbrio estratégico que ela representa através de uma única e decisiva operação.

No entanto, a probabilidade de seu emprego é muito remota, não só pela constituição dos meios navais das marinhas de hoje, tipicamente alicerçadas em outras concepções estratégicas, como também pelas perdas que, num tipo de batalha como esta, face aos armamentos atuais, poderão ser inaceitáveis, mesmo para o vitorioso.